

Sobre o estudo da língua portuguesa

Manuel Pacheco da Silva Júnior

As espécies passam de uma para outra por uma infinidade de transições, quer no reino animal, quer no vegetal. A consequência imediata d'esta teoria, a que os ingleses denominaram DARWINISMO, é a seleção natural por meio da luta: - *the struggle for life*². Os seres mais bem organizados, de maior intensidade, mais dotados pela natureza, enfim, para saírem vencedores na luta travada com os agentes estranhos, perduram mais, reproduzem-se, e sobrepõem-se aos de estrutura orgânica inferior.

Outro elemento d'esta teoria, diz um célebre antropologista³, é a variabilidade espontânea, e as desviações ou divergências reproduzindo-se por muitas gerações acabam-se por acentuar-se, formando tipos, que tendem cada vez mais a apartar-se do originário. Os resultados⁴ da seleção natural são mais duradouros, do que os tipos da artificial, os quais volvem com facilidade à forma primitiva. E a tudo isso acresce, e é muito de notar, a influência dos meios.

DOI: <https://doi.org/10.18364/rc.2023n65.1373>

-
- 1 [Nota do editor] Publicado originalmente em **A Escola: Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro: Serafim José Alves Editor, v. 2, 1877, p. 73-77. Procedeu-se à atualização ortográfica.
 - 2 [Nota do editor] No original, *strugle*, por erro tipográfico óbvio.
 - 3 [Nota do editor] Provável referência à teoria da transmutação das espécie proposta por Jean-Baptiste Lamarck (1744-1829)
 - 4 [Nota do editor] No original, “os resultado”, por erro tipográfico óbvio.

O que se dá com os indivíduos, dá-se também com as raças: sempre as inferiores perecem nas batalhas festejadas por amor da vida. Eis como desapareceram ou já se estorcem nas vascas da morte os Califórnios, Caraíbas, Katchodales, Makoles, os Iberos, Celtas, os Astralianos, Nigritos, Esquimós, as raças indígenas da América etc.

“A imobilidade absoluta não existe; mas a estabilidade dos seres é relativa.”

A linguagem também faz parte da história natural: tem vida orgânica e apresenta notáveis analogias com os seres organizados – no nascimento, decadência e morte. É um organismo sujeito às condições da vida orgânica, e regido por leis inteiramente estranhas à atividade humana.

Filha da necessidade, desenvolve-se sobre as forças conservadoras e modificadoras.⁵

A natureza da linguagem ou glossologia, esfacela o dogma da palavra revelada, teoria puramente descritiva: as maravilhas da natureza, - na frase de um dos expoentes da literatura contemporânea da América do Norte, - obliteraram nos espíritos as maravilhas da superstição e do miraculoso; e a ciência moderna prova que a linguagem não é por si mesma uma faculdade ou capacidade especial.

A ignorância dos nossos maiores é que os levou a considerar a linguagem *um ramo da psicologia*; e, por motivo das relações imediatas da palavra e do pensamento, *identificaram a palavra com o pensamento e a razão*.

Os estudos da anatomia patológica provam à evidência, principalmente depois dos estudos de Broca, o que já assertamos no primeiro número de uma interessante revista, que se publica n’esta corte,⁶ a *Imprensa Industrial*,

5 [Nota do editor] No original, consta uma vírgula em vez de ponto por erro tipográfico óbvio.

6 [Nota do editor] No original, o autor usa um travessão após esta vírgula. Julgamos melhor retirá-lo para maior clareza do texto.

sobre a localização da palavra; e a autópsia tem-nos revelado que sempre que a circunvolução frontal inferior do hemisfério esquerdo tem uma lesão profunda devida a uma apoplexia, amolecimento ou tumeficação, o indivíduo saltado de qualquer d'essas enfermidades torna-se afêmico, acrescentando a circunstância de ser ainda o atrofiamento da 3.^a circunvolução frontal do hemisfério cerebral esquerdo⁷ a causa por que alguns microcéfalos nunca conseguiram aprender a falar. É pois aí que senhorea a parte dinâmica e a mecânica da articulação, e se – como mui judiciosamente pondera um filólogo inglês a quem temos por contemporâneo –⁸ a língua fosse a mesma cousa que a razão, esta seria uma função do nervo auditivo.

*

O desenvolvimento progressivo do espírito humano, verdadeiro criador da linguagem, na frase de um professor alemão, fez-se sob três influências sucessivas – 1.^o da *intensão sensual*, que predomina na infância do indivíduo e das rações; 2.^o da percepção e juízo racionais, que ainda hoje predomina na humanidade; 3.^o da *inteligência intuitiva*, que predomina no futuro.

A verdade é que o homem primitivo não podia ter outra linguagem senão a da expressão imediata das sensações por meio de gritos, interjeições, exclamações.

A linguagem só pode ser considerada *língua* quando não é mais simplesmente a expressão *imediate* da sensação, mas sim a expressão mediata da sensação transformada em noção, como por exemplo na proposição analítica – *eu sou amante – eu amo*. “À medida que a língua se desenvolve, a expressão das noções dos juízos absorve cada vez mais a expressão das sensações”⁹ (Berg.)

7 [Nota do editor] No original, há uma vírgula após *esquerdo*, por erro óbvio.

8 [Nota do editor] Nesse segmento, o autor conjuga o uso de travessões após as vírgulas. Optamos por retirá-los para melhor clareza do texto.

9 [Nota do editor] No original, sem o fechamento das aspas.

A palavra, pois, nasceu no som primitivo ou na onomatopeia¹⁰, cresceu e desenvolveu-se, passando da camada primitiva do monossilabismo para a intermediária representada pelo período da aglutinação, do qual originou-se o sistema de flexão; morre enfim quando desaparece a ideia e com ela o termo; e para a morte do vocábulo contribui não só esta causa, senão também a sinonímia¹¹ e a influência estrangeira.

Apesar da unidade da origem da espécie humana¹², houve pluralidade de línguas primitivas; e é muito de notar a unidade das leis que presidiram à formação das diferentes famílias de línguas. Assim, as línguas primitivas depois de se terem formado de modo natural, segundo as leis *fonológicas* da natureza humana, foram entregues, depois de formadas, às leis do desenvolvimento, diferenças e metamorfose, que presidem a todas as cousas físicas e metafísicas. Estas leis de desenvolvimento ou da transformação não diferem das leis da formação, que é apenas o desenvolvimento de um estado anterior, e toda a transformação de uma cousa formada é tão somente uma série de desenvolvimentos ou mudanças contínuas e sucessivas. (Id. Gloss.)

Apenas a língua entra na sua vida histórica, começa a alteração fonética dos vocábulos, que tendem cada vez mais a abreviar-se.

As palavras, como todos os seres organizados, compõem-se de esqueleto, carne e fibras. As consoantes representam o esqueleto; as vogais a carne; as letras de ligação ou de intercalação fônica, as fibras; o acento é a alma da palavra. E como sucede nos seres organizados, a armação óssea

10 O mesmo sucedeu na vida anímica e vegetativa. A lei da formação progressiva foi em tudo pouco desenvolvida e rude a princípio. Assim na vida animal, por exemplo, os vertebrados são de formação posterior aos moluscos, estes aos articulados, os articulados posteriores aos radiados, porque a organização mais simples deu origem, pela metamorfose, à organização mais complicada. Assim também a planta utrícula elementar chegou ao estado do vegetal da organização complicada etc. A vida orgânica importa *variabilidade e metamorfose* das formas.

11 [Nota do editor] No original há uma vírgula após a preposição *e*.

12 [Nota do editor] No original, “de espécie humana”, por erro óbvio.

sobrevive às partes moles, i. é, as consoantes persistem mais do que as vogais. É assim que *esmola* tem três sílabas, ao passo que no latim, d'onde ela se deriva, tem quatro *eleumosina*, que no grego d'onde tira origem a forma latina, tem seis *élemnosune*, e que em inglês reduz-se à sua forma mais simples *alms*, a que se origina do Anglo Saxônio *ælmesse*. É ainda assim que mesmo deriva-se de *metipsimus*¹³; bispo do latim *episcopus*, que tira origem do vocábulo grego *épiskopos* (derivada da *skep-ver*, *olhar*, e pref. *épi-a*)¹⁴, vocábulo que, no dinamarquês, chegou ao último grau de contração na forma monossilábica *bisp*.

Por estes exemplos, vemos que as consoantes (ossada ou esqueleto) mais se conservam que as vogais, cuja queda determina a mutilação do vocábulo, persistindo – em regra – a sílaba tônica, principalmente nas palavras de origem popular. As vogais pois estão mais sujeitas a alterações do que as consoantes, que todavia estão sujeitas a quedas, permutações e transmutações. Estes factos, porém, acham-se subordinados a regras, a uma marcha regular, a uma lei, e o movimento de transição segue uma direção geral, sujeita a uma causa específica. Cada língua tem seus princípios regulares e particulares de modificação.

Assim como a palavra pode mudar de forma sem mudar de sentido, também pode mudar de sentido sem mudar de forma: *bispo*, *preste*, *candidato* etc. O sinal articulado torna-se então um sinal convencional.

13 Do latim *metipsimus*, contraído regularmente em *metip'smus*, pela assimilação do *ps* em *s*: pelo abrandamento do *T* em *D*, já frequente no latim popular. Estas modificações deram a forma *medesimo*, a qual se transformou no século XI em *meismo* pela queda do *D* médio (*crença* – *credentia*, *suar* – *sudare*, *trair* – *tradere* &); pela mudança do *I* em *E*, que remonta ao latim vulgar; e em *mesmo* pela contração do *EE* e *E*.

14 Esta palavra contraiu-se suprimindo a primeira e penúltima sílaba, e permutando *P* por *B*. Em outras línguas (ing. *bishop*: al. *bishoj*; fr. *évêque*; esp. *obispo* &) a palavra é formada dos mesmos elementos, mas contém sempre menor número de sons que o vocábulo originário. É claro que *episcopus* converteu-se em *episc'pus* de conformidade com a lei da acentuação latina.

A tendência geral para a abreviação ou mudança na forma (economia dos meios)¹⁵ tem dupla ação – uma destruidora, outra criadora.

A desapareição, pois, de certos elementos da linguagem, as mudanças e elaborações contínuas, é o que constitui o desenvolvimento de uma língua.

“A subtração concorre para o crescimento, assim como nos seres organizados a eliminação faz parte do desenvolvimento e da assimilação. E esta assimilação tanto se dá com vocábulos inteiros, como com os sinais formativos das distinções gramaticais.” (*Whit. Sc. of lang.*) A ideia perde-se, e com ela a palavra que a exprimia; e a sinonímia e a importação estrangeira, com razão ou sem ela, adquirem predomínio e conseguem suplantar, eliminar mesmo as palavras originais que caem enfim no golfo do olvido.

Mas, em compensação, nova ideia requer termo novo; e as ciências, as artes, as indústrias progridem sempre. É pois impossível sustar o incessante caminhar das línguas. Muitas vezes, porém, a palavra ou locução caída em desuso, e que acreditavam sepultada entre os reprovados arcaísmos, dormitava apenas. Os arcaísmos e os empréstimos mútuos e constantes feitos aos vocabulários estrangeiros é fato comum, e não há quem o desconheça.

A palavra também morre definitivamente – como na vida animal, segundo nos ensina a fisiologia – desde que perde mais de metade do seu peso, e fica reduzida a esqueleto.

É claro que todas essas modificações são tão regulares como as metamorfoses porque passa o homem, os outros animais e¹⁶ as plantas até chegarem ao termo da putrefação¹⁷

15 [Nota do editor] No original, há uma vírgula após este parêntese.

16 [Nota do editor] No original, há uma vírgula antes da conjunção *e*, retirada para atualização da pontuação.

17 Depois da morte a desassimilação é ainda uma evolução não menos regular, porque antes de se transformarem pela putrefação em amoníaco, azoto, ácido carbônico e água passam por metamorfoses graduais.

A teoria do *struggle for life*¹⁸ tem tanta aplicação às línguas como aos seres animados e vegetais.

*

As línguas primitivas começaram pelas vogais. O primeiro som articulado foi o de ô; a este seguiram-se os de é e i, e mais tarde o de ó e u. Às vogais seguiram-se: 1.º as *labiais*; 2.º as *dentais*, e de preferências as *brandas*; 3.º as *guturais*, *palatais*, *sibilantes* etc. A linguagem das crianças permite-nos conhecer, no parecer de um glossologista moderno, a do homem primitivo. Este, porém, não diferenciava na pronúncia as consoantes homorgânicas, que só mais tarde vieram a exprimir as várias relações – de lugar, superioridade, indicação relação, afastamento etc.

Nem as vogais, nem as consoantes das palavras exclamativas têm significação resultante da mesma natureza dos seus sons (M.M)¹⁹. Nos tempos primitivos, o homem exercitou o formou, mas por tempo dilatado, o seu órgão vocal, o desenvolvimento “das intuições dos seus sentidos”; e preparou-os para resumir as suas sensações e intuições sensuais²⁰ de modo a poder passar à *exceção* das noções racionais. Só então a língua, composta de palavras exprimindo noções, começou a constituir-se e a aperfeiçoar-se cada vez mais.

Também as várias partes da oração formaram-se lentamente e de modo progressivo.

Apenas a língua entra na sua vida histórica, como dissemos acima, entra no período da luta. E de feito desde o século IX que assistimos a essa luta no nosso idioma, e presenciamos muitas vitórias e derrotas.

Essa lei universal não sofre interrupção, desenvolve-se regular e lentamente.

Natura non facit saltum.

18 [Nota do editor] No original, há uma vírgula após o sujeito, retirada para atualização da pontuação.

19 [Nota do editor] Provável referência a Max Müller.

20 [Nota do editor] Aqui no sentido de “sensoriais”.